

Vocalidades Expandidas em Elo: proposições performativas para uma imersão voz-ambiente em relação ecológica com a vida.

RANGEL, Juliana / Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil –
julianarangel@ufc.br

5to Congreso Iberoamericano de Teatro - Tipo de trabajo: ponencia

Palabras claves: vocalidades expandidas - escuta – corpo voz- artes vivas

> **Resumo**

Esta comunicação propõe tecer relações prático-teóricas no campo dos estudos da voz nas artes vivas, partindo do exercício de escuta das conexões corpo-voz-ambiente através de práticas somato-performativas desenvolvidas com estudantes do Curso de Teatro do ICA/UFC (Fortaleza-Brasil) e da Escola de Teatro ESTC (Lisboa-Portugal). O que venho experimentando é uma abertura da esfera acústica das vozes, que são singulares e plurais, diversas umas das outras, humanas e pós-humanas; falar aqui é experienciar a relação na pluralidade das vozes (Cavarero). Neste contexto, como ativar um conhecer da voz expandida no emaranhado das forças esquecidas do corpo-natureza? Como embarçar as nossas vozes, criar elos com a força das águas, terra, vento e a mata, no exercício de experimentar-conhecer a força relacional da voz-palavra com o ambiente? Como esta vocalidade poética pode ser acessada também através de palavras que partem de mitos afro-ameríndios, na busca de uma conexão entre o “nós”, no tecer do fio das nossas histórias submersas? O “nós” nessa pesquisa é compreendido e acessado em uma relação cosmossistêmica com os nossos saberes ancestrais, nossos parentes ancestrais ligados à terra, que percebem a vida numa ligação sistêmica com a natureza (Krenak). Assim, abre-se a possibilidade para dar passagem à vertiginosa movência de estar e intervir na vida de modo sensível, percebendo que na experiência performativa da voz se podem levantar questões políticas, éticas, poéticas e cidadãs, emergindo, em elos com a natureza, possibilidades criativas de outros mundos possíveis.

> Apresentação

Esta escrita tem o intuito de tecer relações práticas-teóricas na área dos estudos da voz nas artes vivas. Para isso, partirei aqui do exercício de escuta da relação voz-ambiente, através de práticas somato-performativas desenvolvidas com estudantes da Escola Superior de Teatro e Cinema em Lisboa durante o estágio de pós-doutoramento¹ realizado em 2023. Portanto, este texto, é o exercício de uma professora que indaga o seu fazer artístico-pedagógico a partir de questões que pulsam com urgência no nosso tempo presente. Sou professora de voz a mais de 20 anos e o que venho ampliando em termos investigativos com os estudantes é uma abertura da esfera acústica das vozes em estado de criação e simbiose com os vestígios de sonoridades naturais presentes nos espaços urbanos. Pensar em vocalidades expandidas é pensar em vozes que são vozes singulares e plurais, diversas umas das outras, humanas e pós-humanas. Neste caminho, falar, vocalizar é experienciar a relação na pluralidade de vozes (como nos diz a filósofa feminista Adriana Cavarero). Partindo deste pressuposto, trago aqui as seguintes questões: Como provocar nas aulas de teatro um conhecer da voz expandida em um emaranhado presente na força esquecida do corpo-voz em elo com a natureza? Como emaranhar as nossas vozes, criar elos com a força das águas, terra, vento e da mata, no exercício de experimentar-conhecer a força relacional da voz com o ambiente?

A aposta aqui neste texto é que pensar / experimentar a voz expandida é compreendê-la e acessá-la em uma relação cosmossistêmica, vinda de saberes ancestrais ligados à terra, que percebem a vida numa ligação sistêmica com a natureza. Neste caminho, tentamos também abrir na/com a voz outras possibilidades de dar passagem à vertiginosa movência de estar, intervir e criar com a vida de modo sensível. Acreditamos que a experiência performativa da voz, pode levantar questões políticas, éticas, poéticas e cidadãs, emergidas em elos com a natureza e que cria também possibilidades criativas de outros mundos possíveis. Gostaria de seguir essa escrita com uma citação do xamã Davi Kopenawa, presente no livro *a Queda do Céu* (2015).

¹ Este texto faz parte das práticas pedagógico-artísticas desenvolvidas durante o estágio de pós-doutoramento e realizado no Departamento de Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema- ESTC do Instituto Politécnico de Lisboa, com a supervisão da professora Sara Belo, em articulação com o CIAC - Centro de Investigação em Artes e Comunicação (Algarve), em Portugal no ano de 2023.

Em busca de uma vocalidade em elo com a natureza

Omama plantou essas árvores de cantos nos confins da floresta [...]É a partir de lá que elas distribuem sem trégua suas melodias a todos os *xapiri* que correm até elas. São árvores muito grandes, cobertas de penugem brilhante de uma brancura ofuscante. Seus troncos são cobertos de lábios que se movem sem parar, uns em cima dos outros. Dessas bocas inumeráveis saem sem parar cantos belíssimos, tão numerosos quanto as estrelas no peito do céu[...]. Eles escutam essas árvores *amoa hi* com muita atenção[...]. Todos os cantos dos espíritos provêm dessas árvores muito antigas. Desde o primeiro tempo, é delas que obtêm suas palavras.

Kopenawa & Albert (2015)

Este relato mítico do xamã Davi Kopenawa constitui o impulso poético para o processo de pensamento-criação exposto aqui e também para gerar pistas práticas para a experimentação de vocalidades com estudantes de teatro, no intuito de buscar uma experiência vocal expandida em elos nas artes vivas². Pensar a voz enquanto uma arte viva, é tentar entendê-la como matéria corpórea que está em relação intrínseca com as forças do mundo. Forças essas, que são despertadas pelos nossos sentidos e que reverberam variação de intensidades, texturas, frequências, vibrações, vivacidades, também em formas de voz. Neste caminho, propomos um movimento na tentativa de se contrapor à anestesia da vida no mundo contemporâneo e, para tentar desanestesiá-la (no caso a vida), será necessário ativar um saber-corpo-voz, para entrar na experiência direta com as forças de vibração que estão no mundo, mas buscando ressonância nas coisas na sua condição de vivo. Convoco aqui a pensadora Suely Rolnik para dialogar conosco. Rolnik nos diz que:

[...]desobstruir cada vez mais o acesso à tensa experiência do estranho-familiar; não atropelar o tempo próprio da imaginação criadora; não abrir mão do desejo em sua ética de afirmação da vida; não negociar o inegociável [...] reimaginar o mundo em cada gesto, palavra, relação com o outro, modo de existir- toda vez que a vida assim o exigir (ROLNIK, 2018, p.195).

Para esboçar uma resposta, é possível arriscar dizer que indagar a voz nas artes vivas, é também entendê-la em seu estado fisiológico, enquanto uma fricção do ar expiratório. Ar que recebemos do mundo. Ar que exalamos no mundo. Ar que recebemos novamente. Ar que tornamos a emitir para o mundo-ambiente. Ar que não dá para ficar mais em uma lógica somente humana. Ar pós-humano. Conectamos

² O conceito de artes vivas desenvolvido pelos artistas do Mestrado em Artes Vivas da Colômbia, a quem possa interessar, pode também ser mais aprofundado no artigo Por uma pedagogia reencantada da voz nas *artes vivas*: pressupostos para uma relação ecológica da voz (RANGEL, J, 2023).

<https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/article/view/50803/39154>

aqui uma compreensão da voz que poderia se chamar de ‘vocalidade atmosférica’, na qual a voz se expande de um sentido apenas ‘audiocêntrico’ e ‘antropocêntrico’, tal como pensa o etnomusicólogo Martin Daughtry (2021).

Daughtry nos traz uma concepção da voz pós-humana e, inclusive, pós-sonora, que não se restringe a “um som proposital emitido por uma garganta humana [...] mas sim como um fenômeno atmosférico generalizado”, efetivando uma compreensão enfaticamente expandida da voz, entendendo-a enquanto movimento e troca, sobretudo, de ‘ar’, tanto no sentido de uma “troca gasosa entre ambientes conjuntos”, como de “alguma quantidade de turbulência ou distúrbio atmosférico que acompanha essa troca”. Nesta expansão do entendimento da voz, da vocalidade, podemos perceber uma dimensão do dilema ambiental em jogo na voz colocando-o também como um dilema atmosférico.

Dessa maneira, pensar a voz em seu estado fisiológico, enquanto uma fricção de ar respiratório, nos leva a compreensão que estamos materialmente conectados a toda e qualquer entidade que respira; sejam eles indivíduos, grupos, tecnologias e empresas cujo material particulado você absorveu; ou seja, a natureza meramente fictícia dos limites entre “você” e “não você” é revelada.

isto isso, pode-se afirmar que as questões ambientais que atravessam o nosso tempo clamam com urgência por pensarmos em práticas pedagógicas que ultrapassem um enquadramento puramente em uma compreensão vocalcêntrica e, ou ainda antropocêntrica. É nesse contexto que, com faço o exercício nesta escrita de pensar a prática de experienciar a voz como forma de desenhar outras possibilidades de invenção de mundos possíveis. Uma pedagogia da voz portanto, não vocalcêntrica e nem audiocêntrica, mas com sentido sonoro e de escuta expandidos para a escuta ecológica do mundo. Dispositivos de criação que ativam o ar para mobilizar as pregas vocais, com fôlego, no intuito de fazer brotar uma vocalidade vibrátil, com o seu gesto de criação em ressonância com o meio ambiente. Tais necessidades de invenção de diferentes modos pedagógicos, fala de um mundo contemporâneo com questões planetárias que precisam de estratégias artísticas-pedagógicas que, muitas vezes, o pensamento puramente disciplinar não dá conta. Precisamos urgentemente criar outros fluxos de ar.

➤ **Pressupostos para uma prática em vocalidade expandida em elos:**

No intuito de experimentar a voz expandida em elos com a natureza, buscamos inspiração poética em saberes ameríndios, o que faz também a minha prática como professora de voz deslocar e expandir a escuta sobre o que venho investigando há mais de vinte anos no âmbito da corporeidade da voz. Esse exercício de composição, *com-por*, *re-compor* a docência, se fez nesta prática de pesquisa, durante o primeiro semestre do ano de 2023, com estudantes da licenciatura em Teatro da Escola Superior de

Teatro e Cinema- ESTC/ Lisboa. Foram realizados exercícios e experimentações vocais tanto em espaços fechados como em espaços abertos, em ambientes naturais. Ao longo do texto, alguns relatos de experiência escritos por eles, a partir da prática que desenvolvemos, fará parte do corpo do presente texto. As vozes dos estudantes são de crucial importância para esta escrita, uma vez que entendemos que a relação de ensino-aprendizagem ocorre no entre-lugar, no entre partícipes (aprendizes e ensinantes), no entre vozes que se encontram, se chocam, se confundem, se escutam, embarcam juntas em direção a lugares sensíveis a serem descobertos.

Exponho aqui, nesta escrita, o exercício de pensar-criar-aprender-ensinar voz a partir de quatro proposições experimentadas expostas a seguir: 1-Ativar a pele; 2- Escutar o silêncio; 3- Abrir espaço e dar passagem para diversas galerias em grutas do corpo que ressoa; 4- Reencantamento como inspiração poética. Como essas proposições práticas, temos por pressuposto um pensamento pedagógico não normativo e que opere mais como um ensejo poético, uma abertura sensorial e sugestiva, do que como um manual a ser seguido. Trata-se da materialização, no próprio corpo da escrita, do desejo de que em algum lugar, em outros convívios, em outras vozes, as palavras aqui lançadas encontrem ecos. Ecos que vibrem por uma relação ecológica da voz.

Pressuposto 1

Ativar a pele:

O chão é a cama que me abre o peito, a porta do corpo
para o infinito (Urano, ESTC, 2023).

Corpo deitado. Busca por *con-tato* com o chão de madeira. A cada movimento de expiração, corpo que se entrega mais à força da gravidade. Aguçar um corpo maleável, menos rígido, fluido, vibrátil, liberto de automatismos e de uma rigidez estratificada de uma imagem corpórea da voz em uma parte única do corpo. Em sequência, dar passagem para movimentos corporais em fluxo livre, objetivando desfazer tensões nas articulações e músculos. Massagear a pele a partir do contato com o chão. Passagem de uma base à outra a partir do contato estabelecido entre o corpo com a superfície durante o passar de movimento, por exemplo, do decúbito dorsal para o decúbito ventral. Nesse mover sutil do corpo, buscar liberar tensões massageando-o no chão e também deixar acontecer um mover da voz massageando todo o canal vocal com as vibrações sonoras. Assim, ir estendendo a pele de uma maneira que vai se desfazendo o perfil que ela desenha, “a pele traçando ao vivo o contorno de diferentes figuras da subjetividade” (ROLNIK, 1997, p. 27) como se transformando a pele em uma superfície plana, gerando

uma espécie de inquietação, decorrente de forças atuantes no fluxo entre o dentro e o fora da pele, engendrando outros desenhos na composição da pele. Complexo processo de formação-dissolução.

A pele é um tecido vivo e móvel, feito das forças/fluxos que compõem os meios variáveis que habitam a subjetividade: meio profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico, etc" "[...] dentro e fora não são meros espaços, separados por uma pele compacta que delineia um perfil de uma vez por todas. Percebemos que eles são indissociáveis e, paradoxalmente, inconciliáveis: o dentro detém o fora e o fora desmancha o dentro (Rolnik, 1997, p.1-2).

Com Suely Rolnik podemos pensar a pele como uma dobra que se faz através das relações com o ambiente, o meio que, por sua vez, metamorfoseia o dentro que é "o interior de uma dobra da pele. E, reciprocamente, a pele, por sua vez, nada mais é do que o fora do dentro" (Rolnik, 1997). Ativar a pele é ampliar e sintonizar o seu grau de vibratibilidade aos efeitos do ambiente para além do habitual, ou seja, irromper na pele passagens para a constelação de diagramas que encontram novas dobras na pele, outras figuras. Ao mobilizar a pele podemos dar passagem a corporeidades transitórias, expandindo as relações corpo-ambiente.

Corpo sentado. Sobre os ísquios, corpo que busca por uma verticalidade postural da coluna até o topo da cabeça. Com as mãos aquecidas esfregar, roçar as mesmas mãos nas bochechas do rosto. Mais uma vez ativar o estado de vibratibilidade da pele do rosto que ressoa. Na comissura das fossas nasais e com os dedos indicadores, massagear com vigor a pele do sulco nasolabial direito e esquerdo. Seguir a massagem da pele de todo o rosto que ressoa até finalizar com as mãos em concha em contato com a pele das orelhas. Sugestão: parar um tempo para escutar o som deste contato.

Como estar presente no estado atual das coisas? Essa presença é, por si só, uma reivindicação política; é estar em relação-constante, aberta, permeável, fluida e relaxada. Esse estado de relação é exigente: exige uma escuta atenta, ativa e generosa daquilo que acontece em nós e, em simultâneo, da impermanência que nos rodeia; é fazermos uma translação ininterrupta de dentro para fora e de fora para dentro e deixarmos que essa força permanentemente impermanente atue em nós e nós nela (Constança, ESTC, 2023).

Com essa abertura dentro e fora estabelecida, podemos seguir massageando, esticando a pele da nuca, pescoço, laringe. Buscar pela posição sentada, com as pernas cruzadas e coluna ereta, dando espaço para as vértebras e com atenção aos espaços entre as vértebras da nuca. Olhos fechados. Postura que abre o corpo da voz para uma escuta sensível.

Pressuposto 2

Escutar o silêncio

Não se habita o mundo da mesma forma quando nos pomos a escutar o silêncio da noite, o farfalhar do vento nas folhagens, as ondas do mar quebrando nas praias ou a gaivota revolvendo a areia, ao final do dia, para dali catar algum resto esquecido e depois, em voo preciso, se afastar lentamente, como quem tem preguiça ou apenas não tem pressa para acompanhar o pescador em seu barco mar adentro (Arantes, 2012, p.93).

O que é escutar? Escutar é uma alegria, é se deixar contaminar pelos sons do mundo que nos envolve, dos jardins, das praças do lugar onde moramos, dos compartimentos da nossa casa, das vozes de pessoas que estão perto e distantes de nós. Escutar é isso, mas a escuta também pode nos trazer outras imagens, outros fonemas, outras palavras, outros “acordes”. Escutar proporciona uma abertura para combinações infinitas. Escutar também tem a ver com um cuidar de si. Aguçar a escuta é entrar em contato consigo mesmo, é também perceber que fazemos parte de um movimento. Ou seja, entender a si mesmo como movimento, como trânsito, como mudança. Movimento este possível pelo estado de escuta do corpo-cena, corpo-ambiente, corpo-mundo, corpo-voz. É necessária uma aprendizagem para escutar, abrir a escuta para diferentes texturas sonoras que nos envolvem com o outro, compor sons, vozes, falas... Sons que compõem ambientes. E para escutar, com o corpo aberto para acolher o som, em um primeiro momento, é preciso ouvir o silêncio ativo, um certo recolhimento:

Frescura, abertura, uma janela escancarada[...]. A leveza do vento a percorrer o corpo, como cair de uma montanha e me tornar nuvem. Conectar com as árvores. Escutas os sons da rua, escutar. Escutar o mundo e ser o seu espelho caleidoscópico. Criar uma ligação com as folhas, os ramos, a pele da natureza, a raiz que a nós também enraíza, e torná-lo movimento, corpo, voz (Urano, ESTC, 2023).

O educador musical Murray Schafer nos diz que antes da era da escrita, o sentido da escuta era vital para as sociedades em relação ao sentido da visão, “a palavra de Deus, a história das tribos e todas as outras informações importantes eram ouvidas, e não vistas” (Schafer, 2001, p.28). Busca por dispositivos que procuram ativar estados intensificados de atenção, capazes de desencadear qualidades relacionais. Um tipo de abertura com o outro que compõe o ecossistema. Dilatar o tempo para perceber diferentes intensidades sonoras, frequências, durações sonoras, texturas, repetições, sons únicos.... O desafio do mundo logocêntrico perpassa no desapego de uma escuta cognitivista e também limitada ao vocalcentrismo. Que se limita em fazer julgamentos da própria voz e deixando de perceber a relação íntima que existe entre o escutar e o vocalizar. Escuta esta que pode tecer uma relação vibrátil da voz com o ambiente sonoro que nos envolve (dentro e fora). E com essa escuta vocalizar, receber uma energia vibrátil para poder oferecer de volta, como em um movimento circular com o ambiente. Fazendo da voz - do orifício da glote e todos os harmônicos desencadeados através dessa passagem de ar - um corpo que ganha texturas e formas em um espaço relacional.

...que música dançam as folhas dos ramos? Como me comunico com ela? O que é sentir o vento e sentir o sol? Sinto que tenho um melhor direcionamento da atenção no que toca ao que é realmente comunicar depois de ter dado o mergulho naquilo que é, tão concreto e, tão mágico, ao mesmo tempo: escutar- que é ligeiramente diferente de só ouvir- implica outra atenção[...] (Guilherme, ESTC, 2023).

Pressuposto 3

Abrir espaço e dar passagem para diversas galerias em grutas do corpo que ressoa

Falar é fazer a experiência de entrar e sair da caverna do corpo humano a cada respiração:
abrem-se galerias,
passagens não vistas,
atalhos esquecidos,
outros cruzamentos;
avança-se por esartejamento;
é preciso atravessar caminhos incompatíveis, ultrapassá-los[...].
(Novarina, 2009, p.15)

Entrar em vocalidades desconhecidas,
Abrir galerias, passagens, fluxos...
Cruzamentos outros,
Outras r e s p i r a ç õ e s,
timbres,
espaços de ressonância,
outras maneiras de escutar no espaço,
deixar encarnar sensações,
outras imagens no acontecimento da voz.
Intensificações da vida no acessar a vida presente na vibração da voz,
voz esta que enche o corpo, transbordando-o no ambiente.

A porta que esta entrega abriu para a minha voz fez parecer que naquele curto momento todo o mundo me ouvia cantar [...]. Meu canto naquele momento, senti que ganhara vida. Que ao sair da minha boca viajava ao sabor do seu vento, sem duvidar para onde ia e sem nunca olhar para trás. Que era acolhido pela Natureza e a completava. Foi belo, foi puro, foi reconfortante, foi vivo (Jorge, ESTC, 2023).

Voltas que iria dar a estas palavras [...]. Esse poema transformou em algo que sinto que me pertence, sinto-me ligado a ele [...]. Como se ele fosse algo que me liga à natureza (Bruno, ESTC, 2023).

Pressuposto 4

Reencantamento como inspiração poética

Busca por abertura de imaginários a partir da leitura de trecho do livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, do líder indígena e ambientalista Ailton Krenak, que nos desloca para uma outra conexão de envolvimento com a natureza.

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico[...]. Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como "natureza", mas que por alguma razão ainda se confunde com ela (Krenak, 2019, p.40, 69-70).

Mergulhar no ambiente de experimentação com ecos dessa memória corpórea ativada com a leitura de Krenak, querendo encontrar, vibrar em ressonância com pedaços de nós presentes na natureza, na sua imensa multidão de formas. Somos "70% de água e um monte de outros materiais" (Krenak, 2019, p. 69) também presentes na natureza. Como deixar que a materialidade que compõe a voz se envolva com a materialidade das texturas variadas que podemos encontrar em um parque de árvores que resiste na urbe? Seria esse um exercício de reencantamento da voz? Uma inspiração poética e política para um outro entendimento do trabalho de voz, ou até mesmo uma proposição descolonial da voz? O que podemos entender por reencantar?

Encantar é uma palavra que vem do latim *incantare*, que podemos fazer relação com as noções de encantamento, magia, enfeitiçar e também com a palavra canto. O canto, ao longo de diversas histórias comunitárias, sempre esteve presente em ritos de passagem, celebrações divinas, invocações de deuses e a certa forma de contar suas próprias histórias por determinadas comunidades. Aqui, juntando encantar com canto podemos evocar a palavra reencantamento. Não como uma ruptura cronológica entre um mundo encantado, desencantado e, por fim, reencantado. No presente texto, mais do que uma proposta de trazer novamente uma magia para a voz, o prefixo "re" propõe uma expansão da compreensão sobre o encantamento.

No exercício da voz nas artes vivas, reencantar é ativar a singularidade da voz em conexão com o coletivo composto por diferentes saberes, expandidos também na convivência com a natureza. Reencantar a voz é deixar que a força inventiva da criação se emaranhe e encarne novas conexões a partir da escuta de outras visões de mundo que seguem a pulsar no cotidiano, como ovos que podem eclodir e, no caso da arte, abrindo o imaginário poético através da voz, para gerar novas possibilidades de encantamento com a vida.

Podemos expandir também a noção de encantamento dialogando com a crítica literária Evelin Balbino (2018), quando reflete sobre este tema a partir do teórico Didi-Huberman, trazendo-nos a imagem dos vaga-lumes com suas centelhas de luz que seguem emitindo seus sinais, mesmo com os holofotes ofuscantes acesos dos donos da “máquina política” do projeto nazista/fascista, no qual

Os pirilampos são [...] pontos de força poética, de vida e de alegria que, apesar da grande luz do regime político, não deixam de pulsar.[...] os lampejos não se esvaíram, mas sim a capacidade humana de vê-los (Balbino, 2018, p. 61).

Encantar a voz é entrar na experiência do reencantamento da percepção sensível do ser humano para as coisas do mundo, possibilitar a “capacidade humana de vê-los”, de ver os vaga-lumes, desanuviar os sentidos do corpo e deixar que as afecções nos cheguem. Abandonar o utilitarismo corriqueiro, que nos captura incessantemente e abrir vozes para elaborar novos encontros, para outras temporalidades, imagens e imaginários e existências possíveis.

[...]Hoje morreste quantas vezes?
Quantas vezes te permitiste boiar nas ondas
do mar? Na espuma, na crema,
Terna, na cantiga que seduz, no ressoar das
ondas que batem e se difundem entre si.
De repente brilhaste.
Foste estrela. Cadente [...]
(Guilherme, ESTC, 2023).

Dar voz ao incorporar do enraizar dos meus pés descalços na terra (Sofia, ESTC, 2023).

Possibilidade de despertar uma conexão com a natureza, com sítios de onde todos viemos e conosco próprios (Joana, ESTC, 2023).

Caminhar. Com os sentidos porosos para o ambiente, caminhamos pelo parque florestal das proximidades da Freguesia da Mina de Água em Amadora-PT. Acredito que a leitura anterior de algumas passagens do livro *Ideias para adiar o fim do mundo* do líder indígena Ailton Krenak possa ter mobilizado algumas perguntas que ganharam ecos nos deslocamentos provocados pelo caminhar dos estudantes. Nesse livro, Krenak nos mostra como o projeto de desenvolvimento da civilização nos *desenvolve* de conexões com as territorialidades com as quais fazemos parte. Dessa forma, o programa de progresso civilizacional passa também pelo rompimento da condição ecológica do ser humano, devido à sua força eminentemente, como colocado acima, antropológica. Assim, podemos também chamar de terexistência essa perda de conexão com a terra, com as territorialidades que nos constituem. A terexistência como condição ecológica-existencial dos seres vivos constituindo coletivos sociais com a natureza e não contra a natureza.

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo (Krenak, 2019, p.12).

Ao nos descolarmos da nossa condição de terexistência caímos no desencantamento. Desencantamento não como uma morte biológica, cronológica do corpo, mas como uma anestesia, uma desvitalidade da vida, ruptura e esquecimento dos ciclos ancestrais. Reencantamento como um devir biocósmico, numa tentativa de redimensionar condições de subalternidade, apagamentos, dismantelamentos de vidas, visões monológicas, para poder dar voltas, girar por vários ciclos de tempos, buscar sopro de vida também com os saberes ancestrais. "Estar nu perante a natureza[...] deixar aflorar em nós a cura que ela nos tem a oferecer, bem como a ancestralidade que ela nos faz compreender." (Sofia, ESTC, 2023). Ao longo do mito do progresso da civilização, foi apagada esta relação de encantamento com os outros seres viventes da terra.

Acontece que o humano, como métrica de uma conjunção entre o branco, homem, cristão, obcecado pelo consumo e acúmulo esqueceu que é natureza. Se blindou de civilização a ponto de esquecer que é somente mais uma manifestação do vivo integrado a um amplo e complexo organismo. Por se distanciar disso tem perdido a vivacidade, se adequando a um padrão de desencantamento (Rufino; Simas, 2020, p.9-10).

> A modo de encerramento: busca por vibrações em um emaranhamento ancestral

Sentir a vibração que a nossa voz provoca em nós e abrir a boca para uma relação eminentemente erótica, relacional com sons, percebendo suas diferentes frequências, intensidades, durações, curvas melódicas, registros no corpo do som vocal e na palavra encarnada que, por sua vez, reverbera no corpo-ambiente vivo. Somos vozes que carregam outras vozes. Vozes ancestrais de seres viventes que passaram e estão aqui conosco. Fato que nos coloca em condição de passagem, menos apressada e mais cuidadosa, em uma relação de envolvimento e pertencimento a uma comunidade no sentido mais ecológico que a palavra comunidade pode nos oferecer. Vida em comunidade que é encontro, abertura para o arriscar-se na busca pelo desconhecido que está no outro, é também enfrentamento dos bloqueios e renúncia dos padrões pré-moldados. A voz, neste ambiente, está em constante processo de criação, ela procura integração com as outras vozes viventes. Voz que é semente de um campo relacional entre as coisas. Voz que é um constante cultivo do refazimento de si no mundo. Voz menos narcísica e mais ecológica. Para isso é preciso abrir espaços de ar no corpo que ressoa, espaços vibráteis que começam com a sensação de enraizamento dos pés com a terra. "Dar voz ao incorporar do enraizar dos meus pés

descalços na terra” (Sofia, ESTC, 2023). Voz misturada à terra para ativar uma força sonora que vem da terra, circular em nós e reverberar no ar atmosférico.

A natureza, na sua relação ecossistêmica, nos convida a experimentar práticas pedagógicas que coloquem a voz em uma relação aberta e comunitária, nem vocalcêntrica nem antropocêntrica. Relação essa que também é provisória e inacabada e se faz no emaranhar de elos em um cruzo entre temporalidades e saberes que margeiam essa terra e sopram outro ar.

Na tentativa de outras reconfigurações expandidas da fisiologia da voz, cuja matéria de energia mobilizadora é o ar respiratório, com saberes que compõem epistemologias ligadas à terra e que inspiram a ação de estar em contato corpo-natureza, reivindicamos aqui por um reencantamento da voz como um modo de existir com o outro, em um tecer pedagógico entre dimensões éticas, poéticas e políticas da voz, no fluxo entre arte e vida.

Bibliografia

- Arantes, E. M. de M.(2012) Verbete Escutar. In: Pesquisar na diferença. Um abecedário. Fonseca, T; Nascimento; Marachin (orgs). Porto Alegre: Sulina.
- Balbino, E.(2018) Pelos caminhos encantados - Uma leitura dos contos de Mia Couto [tese de doutorado]. Salvador. UFBA.
- Castro, V.(2018) A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. Ed. Ubu, São Paulo.
- Cavarero, A.(2011) Vozes Plurais: filosofia da expressão vocal. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Daughy, J. M.(2021) Call and response (or the lack thereof): atmospheric voices and distributed selves. A Journal for Experiments in Critical Media Practice, Critical Media Practice Program at Harvard University- CMP.
- Kopenawa D. & Albert B. (2015) A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Trad. Beatriz Perrone. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A.(2019) Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras.
- Novarina, V.(2009) Diante da Palavra. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Pereira, J. R. de F.(2014) Voz em estado de escuta: por uma pedagogia em vocalidades poéticas no ambiente da cena [tese de doutorado]. Fortaleza. UFC.
- Rolnik, S.(2018) Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições.
- Rufino, L; Renaud, D; Sánchez, C. (2020) Educação Ambiental Desde El Sur: A perspectiva da Terexistência como Política e Poética Descolonial. Revista Sergipana de Educação Ambiental, [S. l.], v. 7, n. Especial, p. 1–11.
- Schafer, M. (2001) A afinação do mundo. São Paulo: Editora UNESP.